

História

Lendas da lagoa

Sereias, monstros e cobras gigantes povoam a lagoa no imaginário dos moradores de Itapuã

Arquivo



As águas escuras do Abaeté até hoje aguçam o imaginário do povo de Itapuã

Sílvia Noronha

O luar reflete-se na lagoa de águas profundas e negras. Ao redor, apenas extensas dunas de areia branca, rodeadas de pés de junco e cajueiros. Nesse cenário de formas difusas, numa atmosfera de sonho, é possível distinguir um vulto de moça sobre a pedra. É a mãe d'água, que penteia os cabelos verdes e compridos à beira da lagoa do Abaeté. Quando percebe a aproximação de seres humanos, mergulha rapidamente na água. Tchum! Some na escuridão. Por muitos anos, a moça repetiu sua lânguida toailete à beira da lagoa, despertando temor e fascínio nos pescadores e lavadeiras que formavam a maior parte da bucólica comunidade do bairro de Itapuã. Os moradores dividiam espaço, não só com a mãe d'água, mas com a cobra colorida, o biatatá, o nego d'água e toda uma fauna de seres sobrenaturais. Monstros nascidos do medo daquelas águas profundas, negras e misteriosas, onde muitos mergulhadores intrépidos afundavam para nunca mais retornar. Lendas herdadas de um tempo em que a natureza ainda não havia sido dissecada pela ciência e banalizada pela televisão. Um tempo em que os homens inventavam histórias para explicar o mundo, passadas dos velhos para os novos, de geração em geração. Hoje, ninguém mais vê a bela moça de cabelos verdes que se penteava à beira da lagoa. Ela permanece viva apenas na memória de alguns velhos moradores, que preservam as histórias bonitas e assustadoras contadas por seus antepassados.

Uma das últimas depositárias das lendas do Abaeté é Luisa Portela Costa, 84 anos, mais conhecida como Dona Lóia. Dotada de excelente memória, ela é capaz de enfileirar uma história atrás da outra, das muitas que ouviu desde menina, quando começou a trabalhar como lavadeira, ao lado da mãe. Basta sentar ao seu lado e puxar o assunto, na casa da filha Mocinha, que mantém um terreiro de candomblé em Itapuã, para que ela comece a contar casos vividos, imaginados ou escutados nos velhos tempos do Abaeté. A lagoa é o cenário da maioria das histórias. "Um dia, a gente estava lavando na parte de baixo, onde agora fica a Casa das Lavadeiras", começa Dona Lóia. "Quando a gente viu, a água começou a borbulhar, fazendo aquele barulho. Era uma cobra, mas uma cobra invisível. Era azul, vermelha, amarela, branca e preta. Linda, lindíssima! Era enorme, a gente só viu a cabeça e um pedaço do corpo saindo da água. Depois ela sumiu. Até hoje, ninguém mais viu a cobra e ninguém nunca mais vai ver".



Dona Lóia é uma das últimas depositárias das lendas do Abaeté

Como pode uma cobra ser invisível e colorida ao mesmo tempo? É que, no vocabulário particular das narrativas de Dona Lóia, "invisível" é o mesmo que "sobrenatural", "visagem", "assombração". Esses fenômenos invisíveis eram tão marcantes em Itapuã que inspiraram a música de Dorival Caymmi sobre as lendas do Abaeté. Nela, o célebre compositor reproduz o clima de mistério que rondava a lagoa nas primeiras décadas do século XX, quando ele, menino, freqüentava o bairro. São lendas herdadas das culturas africana e indígena, onde as histórias contadas pelos mais velhos são uma forma importante de conhecimento do mundo.

Bichos estranhos

Como explicar o alto número de afogamentos na lagoa, senão pela existência de monstros lá dentro? Não poderia estar lá o nego d'água, que Dona Lóia mesma encontrou? "A gente estava lá na lagoa, quando viu, estava lá aquele bicho enorme!", conta ela com uma careta de nojo. "Aquele negócio mole saiu rastejando, um bicho parecendo um sapo. O povo diz que era o nego d'água. Isso a gente viu". As lendas serviam também para orientar comportamentos. Se duas comadres brigavam, segundo a lenda, elas viram Biatatá, um ser fantasmagórico composto de dois fachos de fogo (as pobres comadres, para sempre unidas em forma de assombração), que atemorizava o bairro. De acordo com Dona Lóia, ninguém ficava até tarde na rua com medo do Biatatá. Mas, se o bicho aparecesse, havia uma solução: bastava enterrar as pontas das mãos e dos pés na areia para que ele passasse direto sem ver a pessoa.

Já a lenda de Nossa Senhora explica o costume de não lavar roupa no sábado. "Antigamente, Itapuã era um bairro muito pobre, todo mundo juntava para lavar roupa no sábado. Um dia, estava todo mundo lavando e chegou aquela velha, bem velhinha, com uma roupa alva, alvíssima, mas toda rasgada. Ai, uma moça perguntou: 'Tia, porque a sua roupa está toda rasgada assim?' E a velhinha respondeu: 'Sabe o que é isso? É de tanto vocês baterem roupa em minhas costas!' Então, o pessoal concluiu que aquela velhinha era Nossa Senhora, que estava dizendo para não lavar roupa no sábado, que é o dia dela".

Histórias e crenças

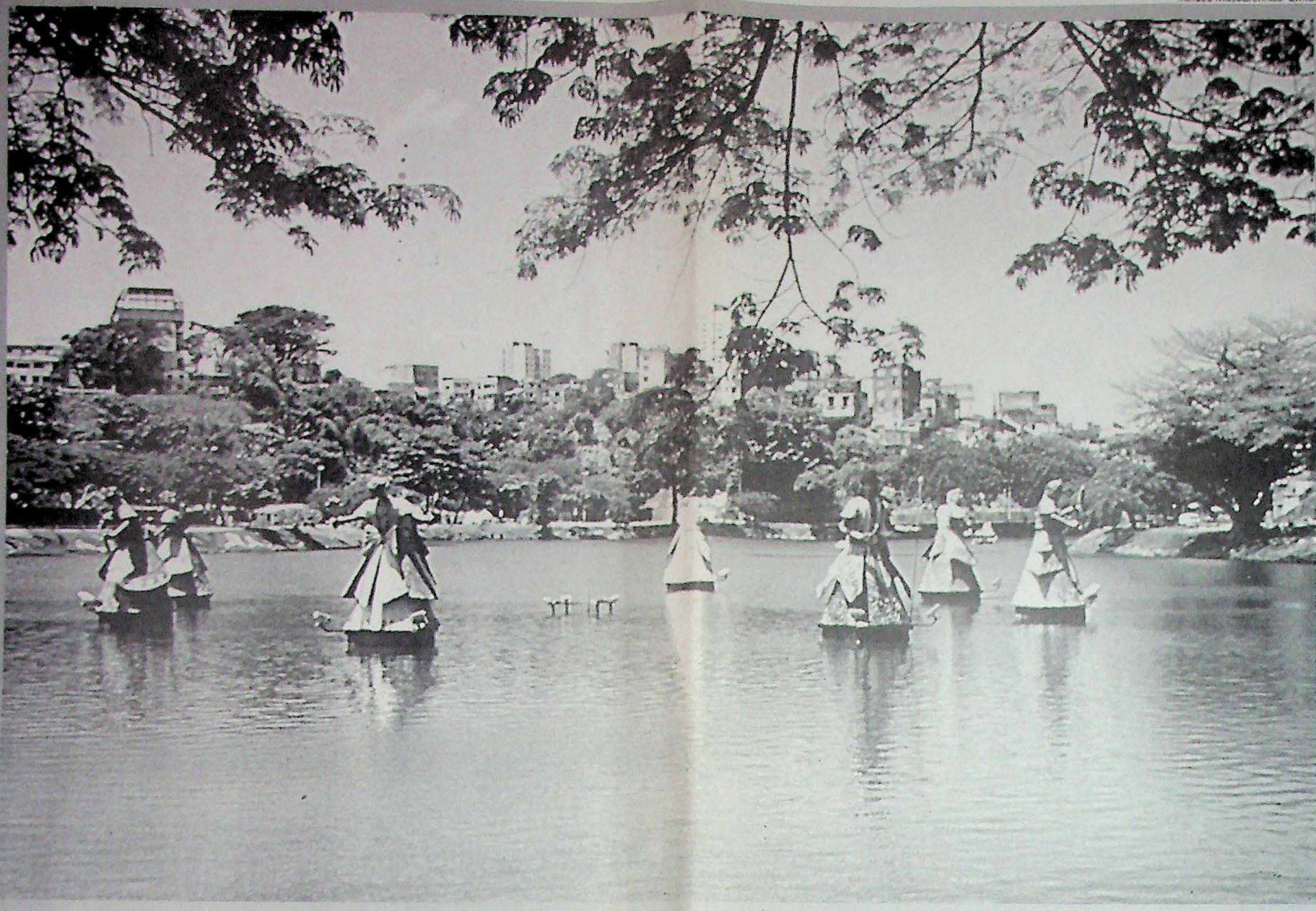
Personagens são muitos. Há o cavaleiro misterioso que passava de noite nas ruas escuras de Itapuã. Tem ainda uma banda de música "invisi-

vel" que saía levando os transeuntes distraídos para os lados do cemitério. E até uma galinha fantasma que saía de trás da igreja com seus pintinhos, fazendo có-có-có. Mas, são poucos os moradores que guardam na cabeça as histórias dos velhos tempos. Felizmente, duas entidades não-governamentais locais - o bloco afro Malê Debalê e o grupo ambientalista Nativo - tomaram a iniciativa de resgatar as histórias antigas da lagoa. No ano passado, o Malê Debalê levou antigos moradores, como dona Lóia, dona Bieca, seu Mafía e dona Francisquinha para contar histórias aos alunos da 1ª à 4ª série de duas escolas públicas do bairro. O resultado é o livro *Lendas e magias da Lagoa do Abaeté*, ilustrado com desenhos dos estudantes e recheado de histórias.

O Grupo Nativo, por sua vez, ensinou as histórias aos adolescentes que trabalham como guias turísticos no projeto Meninos do Abaeté. São 16 adolescentes que repetem aos turistas e visitantes as lendas que seus avós ouviram quando crianças, mas que não são mais passadas para as gerações mais novas. Alisson da Silva, 18 anos, repete diariamente a história tradicional do nome da lagoa. "O índio Abaeté ia se casar, mas se afogou na lagoa. Em homenagem a ele, a lagoa ganhou o nome de Abaeté, que significa índio forte ou homem forte. A sua noiva também foi homenageada, naquela parte da lagoa que tem o nome Vêu da Noiva". Alisson decorou as antigas lendas, mas confessa que não acredita muito nelas. Nem ele, nem os demais guias adolescentes, nem os outros jovens e adultos que moram ou trabalham às margens da lagoa. Dona Lóia, a infatigável contadora de histórias, do alto de seus 84 anos, tem uma resposta para os descrentes na ponta da língua. "Eu acho que o povo hoje não tem mais aquela crença, aquele amor por Itapuã. Como é que os invisíveis, os encantos, podem aparecer? Antigamente, o pessoal via Mãe d'Água, via tudo. Quem, hoje, tem esse direito de ver?"

De fato, há décadas, ninguém vê monstros e encantos à beira do Abaeté. No lugar do Biatatá, é a criminalidade que tranca as pessoas em casa à noite. São os assaltantes, e não a cobra colorida, que atemorizam os incautos em volta da lagoa. E, finalmente, não é a mãe d'água, mas uma característica da água da lagoa - que tem três temperaturas diferentes e provoca câibras por choque térmico - o que arrasta os nadadores para o fundo. Mais moderno, mais científico, mas muito menos poético.

Continua na página seguinte



O culto às deusas das águas também acontece no Dique do Tororó, onde esculturas gigantes reverenciam os orixás

Todo o mundo é d'Oxum

Devoção aos orixás das águas incrementa histórias das lagoas de Salvador

“Nesta cidade, todo mundo é d'Oxum”, já dizia o cantor e compositor Gerônimo. De fato, a devoção ao orixá das águas doces é uma tradição muito forte nos reservatórios de águas naturais ou construídos da cidade. Se as lendas de origem marcadamente indígena, como a mãe d'água, a cobra colorida e o biatatá, permanecem apenas na lembrança dos mais velhos moradores das vizinhanças do Abaeté, a crença nas entidades da água herdadas da cultura africana e consolidadas no culto afro-brasileiro está viva na maioria das lagoas e represas de Salvador. Ao contrário das assombrações criadas pelo medo, os orixás do candomblé são entidades complexas, que personificam forças da natureza dignas de devoção. São três deusas relacionadas com a água: Nanã, a velha e sábia orixá que vive no fundo enlameado dos rios; Iemanjá, a rainha do mar, e Oxum, que governa rios e lagos de água doce.

Essa tradição traz ecos da África, onde os chamados espíritos da água também são reverenciados. A devoção aparece em todos os países influenciados pela cultura africana, de acordo com o historiador de arte africana e diáspora negra Henrique Drewal, pesquisador da Universidade de Wisconsin, nos Estados Unidos. “As mães d'água são ancestrais divinizados, mulheres fortes, rainhas, guerreiras, que foram muito importantes na comunidade”, diz. Na África, Drewal pesquisou uma entidade chamada Mami Wata, cujo nome seria uma corruptela do inglês Mommy Water (mãezinha água). Para agradá-la, os africanos depositam presentes nos rios e lagos. No Brasil, Henrique Drewal vê muitas características da Mami Wata em Iemanjá, Nanã e Iansã, mas principalmente em Oxum. “Mami Wata é muito similar a Oxum porque dá riqueza para seus sacerdotes”.

Bela, doce, feminina, Oxum simboliza o mistério das águas, a fecundidade que move a vida. Seu poder vem da doçura, da diplomacia, da sedução. Por isso, seus filhos colocam artigos de mulher vaidosa nos baúes da presente depositados em locais muito bem escolhidos nas lagoas e represas. Na Lagoa do Abaeté, o local preferido por décadas foi uma porção de água separada da lagoa, chamada Buraco de Vovó. No Dique do Tororó, cada uma das três bacias de água mais profunda é dedicada a um orixá feminino das águas – Oxum, Nanã e Iemanjá. Lá, a cada dia 1º de janeiro, uma multidão participa da entrega dos baúes de presentes, dois menores para Iemanjá e Nanã, e o principal para Oxum. O que muita gente não sabe é que essa tradição, que existe há 51 anos, começou por uma simples brincadeira.



Dona Bombém, 90 anos, mantém a tradição do presente de Oxum no Dique

Presentes no Dique

Quem conta a história é Elisa Pestana Miranda, 90 anos, mais conhecida como dona Bombém. “Aqui não tinha nada, não tinha diversão nenhuma. Ai, meu marido juntou com um amigo dele para fazer um presente para Oxum, como uma maneira de animar o pessoal”, lembra. O que o marido – que não tinha nada a ver com o candomblé – não sabia era que dona Bombém era filha de Oxum. “Ele não sabia de nada. Casei em

1946 e só em 1951 ele veio saber que eu era de santo”, lembra. Dona Bombém não dizia nada porque a maioria dos seus parentes era da igreja católica. Hoje, 22 anos depois do falecimento do marido, dona Bombém ainda mantém a tradição.

Na madrugada do primeiro dia do ano, os vizinhos se concentram na porta da sua casa para acompanhar a saída do presente. Dona Bombém não deixa que ninguém de fora a observe preparando o baú. “Isso aqui tem preceito, entende? Não dá pra mostrar”. O presente é acompanhado por uma

multidão até o Dique, no local determinado pelo orixá. “Não pode botar em outro lugar. Segundo os meus mais velhos, ali é onde tem o mistério”, explica.

Vizinhos da lagoa

Além do aspecto religioso e das lendas, as lagoas de Salvador guardam outras histórias. O Dique do Tororó, por exemplo, fez parte da história da cidade desde a sua fundação, serviu ao trabalho de tropeiros e lavadeiras, foi aprazível local de regatas e até local de depósito de lixo. O lago já teve um tamanho seis vezes maior do que o atual, mas foi diminuído pela expansão da cidade, que o cercou de vias de tráfego intenso. O fluxo de veículos é tão forte que dificulta o acesso de pedestres dos bairros próximos.

Já na represa de Pituáçu, criada em 1906 dentro do plano de abastecimento de água da cidade, o acesso é fácil para os vizinhos que se divertem ou trabalham por lá. O lavador de feijão José Jorge Nogueira dos Reis, 21 anos, por exemplo, vai todos os dias para a lagoa para ganhar o sustento. Ele tira a pele do feijão fradinho, deixando-o pronto para ser moído na massa do acarajé. José trabalha na lavanderia ao lado de lavadeiras como Raílda Bernadina da Silva, 56 anos. Ela diz que o culto a Oxum também é forte em Pituáçu, com gente trazendo presentes de longe. “Até de Portão (Lauro de Freitas) trouxeram presente outro dia!”, exemplifica. Além da reverência ao orixá das águas doces, a democrática represa de Pituáçu serve também para batizados evangélicos, que levam centenas de pessoas para abençoar nas águas aos sábados.

Além das lagoas famosas, outras menos conhecidas também têm suas histórias. É o que estão descobrindo os técnicos da Secretaria Municipal de Planejamento (Seplan), que fazem um levantamento das cerca de 40 lagoas e represas de Salvador desde o fim do ano passado. Eles descobriam, por exemplo, um dique de pedra construído há mais de um século no bairro de Coutos. O antigo proprietário repesava a água do mar e criava peixes, que repartia com a comunidade na Semana Santa. Já no bairro de Valéria, a lagoa da Paixão é usada pela comunidade para a prática de esportes hípicas, como torneios de argolinhas. A prefeitura pretende urbanizar a área, mantendo o lazer dos moradores. São histórias novas das lagoas que, se por um lado perderam a capacidade de despertar fantasias e lendas, podem se converter em locais de lazer e contemplação, para descanso dos habitantes da cidade grande.